

SIMÕES DIAS

Completaram-se, a 3 do corrente mês de Março, 44 anos sobre o falecimento do Poeta.

Na força da vida, quando a sublimação do seu estro poético era segura garantia de uma mais vasta e fecunda obra, a Morte veio buscá-lo, e Simões Dias, o eterno enamorado, por certo exclamaria na hora derradeira, se a febre que o consumia lhe não turvasse o entendimento:

*Não me apavora a aberta sepultura,
Não me entristece a ideia de morrer;
Na hora derradeira, oh! desventura,
Só me horrorisa e dor de te perder!*

O Amor, que tanto o havia de fazer sofrer, jamais abandonou o seu coração e foi, mais do que musa inspiradora dos seus versos, a própria razão de ser da sua vida:

*Um coração peninsular não mente;
Se à mulher que adorar disser — sou teu,
É tão capaz de amar eternamente
Que por ela despreza o próprio céu!*

e com verdade, pelo menos quanto a si o disse o Poeta, porque nem mesmo quando as amargosas provações da Desilusão, cruelmente desfizeram o seu sonho de mutuo e sincero afecto, a paixão que o empolgava e trazia rendido se extinguiu ou apoucou.

Que importava que em certos versos castigasse o «anjo caído», a «incauta mariposa», com palavras feias e más...

*Inconstante mulher, bem que não dura,
Traçoeira e fatal, és como a soga
Onde coisa não há firme e segura!*

*Meu idolo de luz, eis-te na treva!
No teu altar não fuma um só turbulo!
Já não é para ti que o sol se eleva,
Que o sol de Deus não entra no prostibulo!*

ou repetidamente proclamasse a morte dessa paixão dilacerante, quem sabe até se no desejo de arrancar, pela emulação, o idolo à treva ignominiosa?...

*Formosa que eu amei, já te não amo;
Mal não te quero, mas amar-te, não!*

*Mal não te quero, mas amar-te, não!
Se algumas tristes lágrimas derramo,
Por mim as choro, que por ti não são!*

se o poeta, mesmo «desperto», continua a sonhar, um sonho — mais alvoroçado e ingénio talvez — mixto de saudades do passado e de fé no futuro, de trevas pungentes e rútilas claridades, de aflitivas incertezas e de balsâmicas esperanças?!

*Meu amor se andas perdido
Sem saber quem te perdeu,
Nos meus olhos tens a escada
Por onde se sobe ao céu:
Sacode o pé da estrada e bate as asas
Regressa ao eterno abril!*

*Quando eu morrer sai à coza
Sobre o meu corpo chorar,
Que ao sentir que por mim chamas
Hel-de aos teus braços voltar.*

*Ao cabo dessa treva
Há muita luz e muito sonho palero
Que nos atraí e enleoa.*

Nos versos de Simões Dias, como em alguns dos seus contos, anda assim de mãos dadas com a fantasia, a verdade do seu drama de amor infeliz ou incompreendido, do romance da sua vida.

Até mesmo quando ingénuamente se apresenta disfarçado...

Quem poderá revelar-nos um dia, através do estudo profundo e pormenorizado da sua obra, a alma do Poeta?

Morto aos 55 anos, Simões Dias não foi apenas o enternecido poeta das «Peninsulares», o mavioso rouxinol enamorado que tantos e tão lindos versos soube cantar. Simões Dias formou entre os vanguardistas da sua geração, da notável geração que nos deu Tomaz Ribeiro, João de Deus, Teófilo, Gonçalves Crespo, Oliveira Martins, António Cândido, Emílio Navarro, João Penha, Pinheiro Chagas e tantos outros.

A musa não o impediu de ser erudito e zeloso professor, jornalista activo e consciente, político sincero e honesto e parlamentar estudioso e desinteressado. E em todas estas actividades deixou bem marcada a sua passagem...

Como professor, além do ensino que ministrou a centenas e centenas de estudantes, em Elvas, Viseu e Lisboa, publicou vários livros didácticos, «Compêndio da História Pátria», «Teoria da Composição Literária», «Noções de Literatura» e «História da Literatura Portuguesa», todos adoptados nas escolas e liceus.

Como jornalista, fundou, dirigiu ou colaborou na «Chrisálida» e na «Fo-

lha», de Coimbra, na «Democracia», de Elvas, no «Observador» e «Distrito de Viseu», da capital da Beira Alta, e no «Correio da Noite», «Globo» e «Tempo», de Lisboa, e noutros, muitos outros periódicos.

Como político, norteado pelos princípios lançados pelo famoso Bispo de Viseu, Alves Martins, foi deputado desde 1884 a 1892, tomando parte em três legislaturas e proferindo, entre outros discursos, um que é justo salientar, a propósito da reforma do ensino secundário, depois publicado em livro que alcançou duas ou três edições.

Espírito crítico, historiador fartamente documentado e novelista de aprimorado estilo, Simões Dias escreveu ainda «A Espanha Moderna», «A Escola Primária em Portugal», «Contos em Prosa», «As Mães», «Figuras de Cera», «O Pecado», «Figuras de Gesso», etc.

A despeito de ter alcançado na sociedade portuguesa um lugar prestigioso, Simões Dias foi sempre um melancólico, um triste...

*Vivi, se vida foi, sem primavera
A sós com Deus e a lira;*

*... até parece
Que nunca soube em vida o que é ser moço.*

Fatalista, julga que uma má estrela o acompanha desde o berço, e que jamais dela se libertará:

*Não sei que mau olhado
Ao nascer me deturam...*

*Mandei ler a minha sina,
E a sina me respondeu
Que um triste fugir não pode
A sorte que Deus lhe deu!*

e por isso estão bem na lógica do seu modo de ser os versos em que proclama:

*Felis quem já morreu, mas sobre todos
Felis quem nunca à luz do mundo veio!*

e aqueloutros em que, descrente do amor, da gratidão, da vida, murmura

*Meu nome? Quem decora
Um nome, havendo tantos?*

O seu nome não caiu, porém, no olvido, como os seus versos continuam e continuarão vivos, enquanto houver corações lusitanos, enamorados e tristes...

O seu nome, não teve apenas a consagração que lhe deram as edificações, inscrevendo-o nas melhores praças da vila de Arganil e da rústica aldeia da Benfeita, aonde o Poeta nasceu, vai fazer 100 anos precisamente, no dia 5 de Fevereiro do próximo ano. O seu nome e os seus versos não foram esquecidos, pois ficaram gravados, por forma indelével, na História da Literatura Portuguesa, e são, ainda hoje, recordados e cantados enternecidamente pelas raparigas da nossa terra...

*O lenço que tu me deste
Tem dois corações no meio;
Só tu no mundo é que sabes
Dónde este lenço me veio.*

Completam-se 100 anos, a 5 de Fevereiro de 1944, sobre o dia em que o Poeta nasceu... E assim, breve vai ter a nossa terra bem cabido ensejo de mostrar mais uma vez quanta verdade encerravam os versos com que José Branquinho acolheu, há 44 anos, a notícia da morte de Simões Dias:

*E dizem que morreu! ...
Mentis!
— Diabolizado,
o Mestre vive ainda, e canta a nosso lado!
— Vive, porque era luz; porque não morre o sol;
E noutro mundo, embora!
é sempre um rouxinol!
E se não vive, — existe.*

MÁRIO MATHIAS.